

Fotógrafo suíço da célebre agência Magnum, morto este mês, veio diversas vezes à cidade. Era amigo de Niemeyer e de Le Corbusier e publicou um livro só com imagens da capital

# Brasília, por René Burri

René Burri/Magnum Photos

» CONCEIÇÃO FREITAS

O fotógrafo suíço René Burri, da lendária agência Magnum, esteve em Brasília ao menos três vezes. Célebres são as fotos que fez de Che Guevara e Picasso, mas as de Brasília não estão aquém no quesito sensibilidade para capturar a alma de quem ou do que está sendo fotografado. Arquitetura tem alma, dirão as fotos de um dos parceiros de Cartier-Bresson.

O interesse do suíço pela capital do Brasil surgiu antes mesmo de a cidade começar a ser construída. De um modo inescrutável: em 1955, René Burri produziu um primeiro ensaio fotográfico do arquiteto franco-suíço Le Corbusier, de quem se tornou amigo. As fotos foram publicadas na revista *Paris Match*. Quatro anos depois, Burri fez novas imagens de um dos formuladores dos preceitos da arquitetura moderna.

Quando a capital fez 50 anos, René Burri relançou o livro *Brasília: Photographs 1960-1993*, com 132 imagens da cidade, a maioria delas muito pouco conhecidas do grande público. O suíço esteve na Cidade Livre, acompanhou a inauguração da cidade, registrou o contraste entre a escala humana e a monumental na obra de Oscar Niemeyer e no projeto urbanístico de Lucio Costa, imortalizou o jantar de gala no Palácio do Planalto na noite da inauguração da cidade.

## Arquitetura

Fez retratos, muitos, de Oscar Niemeyer ao tempo da construção da cidade. Clicou o arquiteto abrindo croquis no mezanino do atual Palácio Gustavo Capanema, onde foram desenvolvidos os primeiros projetos da nova capital. Embora nunca tenha se considerado um fotógrafo de arquitetura, ele se dedicou fortemente a retratar arquitetos e suas obras. Imagens de Le Corbusier, de Oscar Niemeyer e do mexicano Luis Barragan, entre outros, puderam ser vistas na exposição itinerante *Utopia: fotografias de arquitetos e arquitetura*, por René Burri (disponível no site da Magnum). As fotos de Corbusier e Barragan mereceram livros distintos. As de Niemeyer fazem parte do volume sobre Brasília.

A primeira viagem do parceiro de Cartier-Bresson a Brasília foi em 1958 e fez parte de amplo roteiro pela América do Sul. Dois anos depois, veio para a inauguração da capital. No site da Magnum, surgem imagens de 1977, quando as árvores das superquadras já começavam a quebrar a solidão do concreto armado. E em 1997, quando os carros já ocupavam as proximidades do Congresso Nacional.

Brasília entrou no portfólio de René Burri apenas dois anos depois de ele ingressar na Magnum. Àquela altura, o fotógrafo de 23 anos já havia trabalhado em Paris. A aproximação com os arquitetos modernos, o registro intermitente de suas obras, acabou



Fotografia de René Burri no baile de inauguração de Brasília, tendo como pano de fundo o Congresso Nacional



Para mim, Brasília era uma utopia que se transformou em realidade. Era uma cidade que saiu do nada em poucos anos"

René Burri, fotógrafo, morto no último dia 20, aos 81 anos



Ele não só foi um dos grandes fotógrafos do pós-guerra, como também foi uma das pessoas mais generosas que tive o privilégio de conhecer"

Martin Parr, presidente da Agência Magnum, onde Burri trabalhava

Hans Purz - 26/5/08



René Burri ao lado da fotografia que fez de Che Guevara

por dar a Burri a fama de fotógrafo de arquitetura e transformá-lo numa inspiração para fotógrafos arquitetônicos contemporâneos. A arquitetura passou a ser fotografada não apenas como um valor em si, um objeto sem mácula, mas um volume entremeado pela escala humana e pela babel urbana.

## Caixeiro-viajante

Sua primeira fotografia, feita aos 13 anos, com a câmera do pai, foi de um personagem ilustre, o premiê britânico Winston Churchill em visita a Zurique, onde Burri nasceu. Caixeiro-viajante da fotografia, René Burri esteve nas lonjuras da Ásia, da África, do Oriente Médio, da Europa e das Américas. No mesmo ano em que veio a Brasília, foi ao Egito. Sobre o país africano, declarou: "Montar beduínos no deserto e ver o sol se pôr atrás das pirâmides de Quéops, Quefren e Miquerinos estão entre as experiências mais românticas de uma vida". Sobre Brasília: "Para mim, Brasília era uma utopia que se transformou em realidade. Era uma cidade que saiu do nada em poucos anos".

René Burri era, ele mesmo, um personagem à altura de suas fotos. Usava um chapéu de aba larga e estava sempre adornado com echarpes, lenços, cachecóis. O suíço se casou, em 1963, com Rosellina Burri, viúva de Werner Bischof, amigo e parceiro na Magnum. Com a morte de Rosellina, em 1986, se uniu a Clotilde. René Burri morreu dia 20 passado, aos 81 anos. Deixou dois filhos do primeiro casamento e um do segundo.

Sobre a morte do fotógrafo, o presidente da Magnum, Martin Parr, declarou: "Ele não só foi um dos grandes fotógrafos do pós-guerra, como também foi uma das pessoas mais generosas que tive o privilégio de conhecer. Sua contribuição para a Magnum e sua habilidade incomparável para contar histórias e entreter-nos ao longo desse tempo será parte de seu enorme legado..."

As fotos que fez das ruas de São Paulo, no fim da década de 1950, estão entre suas imagens mais célebres. Uma delas, a mais famosa, mostra homens andando na cobertura de um prédio e lá em baixo o movimento dos carros. Era o ser humano e o modo como ele se incluía na paisagem o que mais lhe interessava. Burri esteve nas guerras do Vietnã, do Camboja e do Líbano registrando tanto o front militar quanto o cotidiano civil.

Antes de ser um fotógrafo, René Burri era um humanista. Ele contou que, certa vez, cruzou com a arredia Greta Garbo ("Quero que me deixem sozinha") numa rua de Nova York, mas não conseguiu levantar a câmera, por respeito à atriz. Em outra ocasião, Fidel Castro estava debaixo de um sinal de saída. Burri não clicou o comunista porque achou a imagem simplista demais. "Um dia desses, vou publicar um livro com todas as fotos que não fiz. Será um sucesso."